

Até churrascarias gaúchas estão pedindo concordata

Quando até churrascarias de Porto Alegre começam a pedir concordata, a grita contra as altas taxas de juros só pode engrossar. E mais ainda quando essas taxas já provocaram a demissão de 100 a 150 mil comerciários gaúchos nos últimos três meses, índice que o vice-presidente do Clube dos Diretores Lojistas, Alécio Ughini, considera "assustador e sem precedentes". Na indústria gaúcha, a crise é também tão grande que o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Sérgio Schapke, já admitiu que "hoje, é mais atraente aplicar em papéis como **over** e **open** do que na atividade produtiva".

É por situações graves e complexas como essas que o ministro da Cultura, economista Celso Furtado, disse ontem no Rio que acha "um milagre" que o seu colega da Fazenda, Bresser Pereira, esteja conseguindo elaborar um plano econômico para o Brasil de hoje. "Tenho até pena da equipe do ministro, porque eles devem estar trabalhando feito loucos", acrescentou Furtado.

E o advogado João Carlos Marchese, um dos três sócios da tradicional churrascaria porto-alegrense Saci — levada à concordata por dívidas de Cz\$ 6 milhões com instituições financeiras —, está entre os comerciantes que torcem desesperadamente pelo êxito do Plano Bresser.

No Plano Cruzado, ele já acreditou com firmeza e convicção — causa, aliás, da sua ruína, com a elevação dos juros dos investimentos que fez de 3% para 30%. Na época, para fugir da "ira" de Sarney e seus fiscais, Marchese manteve seus preços "religiosamente congelados". Embora tivesse chegado a pagar Cz\$ 186,00 pelo quilo do corte de picanha, na fase de escassez de carne, recebia dos fregueses da Saci Cz\$ 75,00 pelo rodízio. "Com isto, precisei recorrer aos empréstimos. E quando me librei do Sarney e seus fiscais, novamente precisei dos bancos. Agora, estou nesta situação", queixa-se Marchese, que não pretende, no entanto, demitir nenhum dos 80 funcionários da churrascaria.

Mas, apesar da recessão, Ughini, o representante dos lojistas, crê que "o comércio não corre risco de falir porque obteve lucros altos durante o Plano Cruzado, e pode sobreviver com as reservas acumuladas. Isto, é claro, se o governo reduzir as taxas de juros e controlar a inflação. Caso contrário, as perspectivas serão alarmantes".

Para Afonso Martinelli, diretor-presidente do Frigorífico Ideal, "o custo do dinheiro está inviabilizando a produção, e o governo tem duas saídas: gastar menos ou arrecadar mais, pelo incremento da produção, com uma política econômica racional e bem direcionada".

"Na atual situação, só na vizinha cidade de Canoas houve mais de duas mil demissões em março", diz Gilmar Pedruzzi, líder metalúrgico local.